

ERNESTO VARES

Blountinha
1936

A ALMA

DE

CAMÕES



PORTO
Livraria Porto de Clavel & C.^{as} — Editores
115 Rua da Almada, 123

50



A ALMA DE CAMÕES

Universidade Portuguesa
Biblioteca

Nº.....

Data.../.../...

ERNESTO PIRES

Alma Pires
1938

A ALMA

DE

CAMÕES

PORTO

Livraria Portuense de Clavel & C.ª—Editores

119, Rua do Almada, 123

1882

UNIVERSIDADE
PORTUGALENSE
* Biblioteca *

A

SEU TIO

O CONSELHEIRO

A. GOMES DOS SANTOS

OFF.

O Officio

Typ. Occidental, rua da Fabrica 66 — Porto

A ALMA DE CAMÕES

I

Eu soffro, eu soffro muito, ó Leonor,
Sem vêr brilhar no céo a luz da esperança,
Afoga-me este pranto. Vê, criança,
Como inda sou escravo d'este amor.

A noite escura e vil do meu terror,
Ai, não tentes sondar, por Deus t'ò peço.
Deixa, que a dôr pungente desfallego
E breve findará a minha dôr.

Separa-nos a sorte, a sorte ignara,
Não sei se mesmo a fé acaso existe
Para quem a ventura é tão avara.

Só tenho da saudade o goso triste,
Saudade que esta vida ainda ampara,
Alma minha gentil que te partiste!

II

Voaste, meu amor, meu anjo ethereo,
De dentro de meu peito que habitavas,
Sem ver que nesse vôo me levavas
A alma e o coração!.. Dôce mysterio,

Visão que eu inda adoro, astro siderio,
Que é das creanças fiéis que imaginavas,
Dos sonhos transparentes que sonhavas,
Que resta d'isso?... — O pó d'um cemiterio!

A morte extingue tudo?... Atroz loucura!
Não morre dentro d'alma amor ardente,
Como morre dentro em nós dôce ventura.

Voaste! Deus te guarde eternamente!
Mas como voaste tu, ó formosura,
Tão cedo d'esta vida descontente?

III

Não pôde o coração, outr'ora amado,
Sentir a tua ausencia, acre tormento,
Que punge noite e dia o pensamento
De quem morre na vida escravizado.

Como d'antes não vejo illuminado
Pelos campos azues do firmamento,
Passar cheio d'amor, cheio d'alentio
O teu rosto gentil, enamorado.

Divago sem rasão, sem fé, sem tino
Por esse mundo além, continuamente,
Levado pelo braço do destino.

E enquanto assim caminho tristemente,
Ó anjo que eu adoro e não deño,
Repousa lá no céo eternamente.

IV

E pede a Deus que rege os mares tão fundos,
Que dá flôres ao campo, ao ceu estrellas,
Sorrisos fascinantes ás donzellas
E ás mães seios uberimos, fecundos;

Que abra, deslumbando os ceus profundos
Em noites de tormenta e de porcellas,
Os teus olhos, amor, duas janellas
Que podem illuminar milhões de mundos.

E eu então de joelhos, implorando
A bondade de Deus, que Deus existe,
Verei teus olhos pelo céu passando.

E se misto a ventura não consiste,
No teu seio meu pranto vae guardando
E viva eu cá na terra sempre triste.

V

E viva eu cá na terra, solitario
Como um eremita austero do passado,
Rasgando o peito nú, já bem rasgado
Por este soffrimento involuntario.

Subirei como Christo o meu Calvario,
Levando dentro d'alma ben gravado
O Evangelho d'amor! Sou desgraçado
E como Christo um triste visionario.

Viverei recordando o tempo antigo,
Porque a saudade d'elle inda me assiste,
Saudade que eu adoro e que bendigo.

Não sei onde a saudade mais persiste
Se cá na terra vil que pobre eu sigo,
Se lá no assento ethereo onde subiste.

VI

Saudade, ó minha dôce companheira,
Estremecida amante do meu peito,
Recebe no teu seio tão perfeito
O meu alento na hora derradeira.

E leva-o ãa tua aza sobranceira,
Não á terra onde tudo vae desfeito,
Mas lá, ao céo, ao perfumado leito
Aonde ella repouisa feiteira.

E diz-lhe então: — Eu vi-o padecer,
Soffreu muito d'amor, d'amor ardente,
Só viveu para amar, para soffrer!

Agora adormeceu tranquillamente...
Recorda-o se em teu peito com prazer
Memoria d'esta vida se consente.

VII

Ao lembrar-te tão duro soffrimento,
Esta terrivel, densa feridade
Que eu sinto por chorar-te, tem piedade
Das lagrimas cruéis do meu tormento.

De vida não me resta um só alento,
Sonhos não tenho um só de flicidade,
Eu vivo, sem viver, n'uma anciedade,
Torvado pela dor o pensamento.

Desde que tu, minh'alma, te evolaste,
Eu fiquei neste mundo, penitente
D'um amor que de ha muito abandonaste.

Já sem crença eu divago tristemente;
Mas de lá, do mysterio onde voaste,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente.

— Amor!... e que é amor? — E essa crença
Que eu tinha quando a face te beijava,
Amor é o respeito que inspirava
À minh'alma, Leonor, a fé immensa!

VIII

A fé em Deus que guia os nossos passos,
A fé na Luz que rompe a treva escura,
A fé que eu tinha na tua formosura,
Quando preso no anel dos teus abraços.

Amor é isto tudo que rodeia
Meu triste coração, a minha ideia,
O amor em tudo vive, em tudo existe.

Amor é o martyrio, a prece, o rogo,
Amor é essa chamma, é esse fogo
Que já nos olhos meus tão puro viste.

IX

Amor eram os prantos que choravas
Quando punhas em mim teus olhos bellos,
Amor eram aquelles teus anhelos
Que tu, ó casta flôr, tanto anhelavas.

Amor era isso tudo que sonhavas
Nos teus sonhos tão meigos e singellos;
Amor eram as comas dos cabellos
Que aos zephyros da tarde espreguiçavas.

Amor é esta magoa que alimento,
Esta saudade emfim que é meu sustento
E que sinto, minh'alma, por perder-te.

Amor sou eu, escravo, inda a adorar-te
Se julgas que meu peito pôde amar-te
E se vires que pôde merecer-te.

X

Abandonado e só caminho agora,
Acurvado á tristeza mais profunda;
Nem um raio d'esp'rança o peito inunda
Ao infeliz que o teu amor deplóra.

Leonor, das regiões da eterna aurora,
Aonde o bem progride e a gloria abunda,
Lança um raio de luz á treva funda
E a minha crença, a minha fé, vigora.

Por piedade, meu anjo immaculado,
Mitiga a dôr cruel ao desgraçado,
Que d'alma e coração se devoton

A adorar-te, suspensão do infinito,
Porque olha, minha estrellá, é mais que um mytho
Alguuma coisa a dôr que me ficou.

XI

É mais que um mytho, cré, esta saudade
Que dilacera as fibras de meu seio,
É tormento cruel em que eu anejo
Nas horas da mais triste soledade.

Eu peço á noite, á lua, á immensidade,
Do rouxinol ao tímido gorjeio,
A tudo em quanto vejo e em quanto leio
O poema da nossa mocidade,

Que te leve um suspiro dolorido,
O ecco triste d'um lugubre gemido
Que desprende o meu peito por não vêr-te.

E são estereis supplicas, lamentos!
Só me restam na vida os soffrimentos
Da magoa sem remédio de perder-te.

XII

Em vão pergunto aos ventos gemedores,
Do largo mar às vagas alterosas
Se viram em paragens mais formosas
A donzella gentil dos meus amores.

É em vão que interrogo as brancas flôres,
As selvas solitárias, rumorosas,
As creanças do passado mais saudosas,
Os sonhos d'outras eras, tentadores.

Ninguém responde ao grito magoado
De meu peito que tanto a idolatrou,
Que tanto foi por ella idolatrado.

Já que a morte de mim te separou,
Que se quebre, Leonor, meu triste fado,
Roga a Deus que teus annos encurtou.

XIII

E, depois, na mansão d'eterno goso,
Fallaremos d'amor interminavel,
Que foi para homens torpes condemnavel
Quando elle era innocente e venturoso.

Se lá, no céu, se pôde ser ditoso
E se um logar me está lá esperando,
Quero-o só para estar sempre escutando
De teus labios um canto harmonioso.

Viver eternamente a idolatrar-te,
Ter alma unicamente para amar-te
E saber que jamais hei de perder-te!...

Ai, venha a morte, a morte salvadora,
Que Deus escute a prece redemptora,
Que tão cedo de cá, me leve a per-te.

XIV

Não se pôde viver abandonado
 À dôr cruel que a alma dilacera!
 A morte é paz, a vida uma chimera,
 Que nos seduz e leva desvairado

Por esse mar além, encapellado
 Pela desgraça incongruente e fêra!
 Não sofre a consciencia mais austera
 Os embates fataes de horrivel fado.

Termine para sempre a desventura
 Que tanto na minh'alma se enroscou,
 Que me deu tantas horas d'amargura.

Ai, Senhor, já que a sorte nos ligou,
 Tão cedo Deus me dê dôce ventura
Quão cedo dos meus olhos te levou.

SONHANDO

Não sei se te recordas ou se não.
 D'aquella noite limpida d'outono
 Em que tombaste, amor, ao abandono
 D'estes meus braços na fatal prisão.

Passava a lua pelo céu d'anil,
 Cantava um rouxinol além, distante...
 E eu beijava-te a fronte, minha amante,
 Num delirio nervoso, atroz, febril.

Depois, quando a manhã rompeu no espaço
 E senti que pousavas no meu braço
 A tua fronte meiga e seductora,

Tive remorsos, cré, de ter murchado
 O lirio virginal e delicado
 Que era p'ra ti a mais ridente aurora.

AMANEHCENDO

Já no oriente o dia que amanhece
Alaga em luz dos prados a verdura
E tu não vens gosar da formosura
Que o céo inunda e que os rosas florece.

O vento agita, ao perpassar, a messe,
Deslisa a fonte murmurante e pura,
Canta, e no canto que ideal ventura!
A camponesa que d'amor languece.

Suspira no pinhal a cotovia,
Os bois pacatos vão subindo o monte,
Balla o rebanho que um camponio guia.

Ergue, Leonor, a deslumbiante fronte,
Mais bella e mais gentil inda que o dia,
Mais limpida e mais pura inda que a fonte.

NA TUA CAMPA

Auscultando o teu peito de granito
Que escuto? Que lembranças pavorosas
Ven transformar as viridentes rosas
Em lagrimas que solto no infinito?

Ai, como se compunge atroz, afflicto
Na arcada de meu peito, em dolorosas
Convulsões phreneticas, nervosas
Meu pobre coração? Verdade ou mytho,

Ilusão, realidade, inferno ou céo,
Abysmo, sorvedouro, ó insondavel,
Levanta a ponta do tremendo véo.

Ai, eu quero sondar-te, inenarravel,
Quero sentir pulsar o seio teu,
Viver nesse teu ventre immensuravel.

A LAGRIMA

A lagrima é a prece emmudecida
Que o coração envia aos olhos pulchros,
A lagrima vigôra nos sepulchros
A haste da saudade emmurcheada.

A lagrima consola a ardente magoa
Que o peito cruelmente nos opprime,
A lagrima é o balsamo do crime,
Uma formosa estrella feita d'agoa.

A lagrima é um bem que nos consola,
A lagrima é talvez, quem sabe? a esmola,
Cheia d'uncção, d'amor e d'alegria

Que Deus concede ás almas desgraçadas.
Innundae, pois, meu rosto, abençoadas,
Ó lagrimas que Deus do céo me envia!

110.70

